

POLÍTICA

O movimento das marés influi no jogo da sucessão

As candidaturas à sucessão do presidente Figueiredo enfrentam atualmente um fenômeno parecido com o das marés: enchente e vazante. A candidatura do ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, está em maré cheia desde a convenção do PMDB, em agosto último. A do seu opositor, deputado Paulo Maluf, ao contrário, não está na mesma situação. Este é o raciocínio que se fazia ontem no segundo andar do edifício Guanabara, onde está instalado o escritório eleitoral do candidato da Aliança Democrática. Ali não se trabalha com outro argumento.

E os assessores mais próximos do ex-governador mineiro garantem que a enchente vai continuar. Uma enchente que, na verdade, começou com a Frente Liberal e aumentou sensivelmente com a adesão de antigos andreaístas e com a aproximação real dos governadores estaduais do PDS nordestino. Estes, segundo os assessores de Tancredo Neves, esperam o mês de outubro para dar início ao movimento que enfraquecerá decisivamente a candidatura do deputado paulista. Começou com os governadores Roberto Magalhães, de Pernambuco e Gonzaga Motta, do Ceará. Além deles, são tidos como certos para Tancredo os governadores do Maranhão, Luiz Rocha, do Rio Grande do Norte, Agripino Maia, da Bahia, João Durvalva e de Sergipe, João Alves. Há dúvidas, ainda, em torno da preferência de Divaldo Suruagy, das Alagoas, Hugo Napoleão, do Piauí e Wilson Braga, da Paraíba. Os dois primeiros, no entanto, são considerados pelos tancredistas como muito mais próximos do candidato da Aliança Democrática do que do candidato pedessista. Resta o paraibano Wilson Braga, que, no dizer surpreso dos assessores de Tancredo, não estaria mais tão seguro do seu apoio ao candidato Paulo Maluf, e disposto, inclusive, a reexaminar o quadro.

O otimismo de campanha eleitoral, como se vê, deixou de ser exclusividade dos que trabalham no oitavo andar no hotel San Marco, escritório de Paulo Maluf. Os assessores de Tancredo Neves, fazendo coro às entrevistas de ontem do seu candidato, projetam para o final de outubro a condição de candidatura marginal para a pretensão do deputado paulista.

Isso não é razão, no entanto, para que os tancredistas se descuidem em relação à candidatura de Paulo Maluf. Mas eles, agora, trabalham também com o que chamam as outras variáveis do quadro sucessório. Assim, identificam três correntes além da que apóia e trabalha pelo deputado paulista: a que já admite a vitória de Tancredo e procura sintonia com ela, a que prefere a renúncia do deputado paulista e sua substituição por um novo nome pedessista, e a que, mesmo minoritária, ainda estaria a conspirar contra o projeto de abertura do presidente Figueiredo. Embora trabalhando com essas três novas alternativas, os tancredistas preferem e fazem fé na idéia de que Paulo Maluf não renuncie e vá até ao Colégio Eleitoral, onde, garantem, será derrotado por Tancredo.

No outro lado do otimismo eleitoral, os malufistas pretendem mostrar hoje uma parte do jogo deles, com a reunião dos adeptos da candidatura do deputado paulista de todos os Estados brasileiros, no Congresso Nacional. E pretendem mostrar isso com muita gente e muito trabalho, com o lançamento das comissões de campanha. Inicialmente anunciada para a sala Nereu Ramos, a reunião foi transferida para o auditório Petrônio Portela, que é bem maior. O número de participantes, estimado no começo em quatrocentos, poderá chegar a mil, numa festa que terá como atração de encerramento um jantar de conagração, a ser servido na sede do Clube do Congresso. Antes ao meio dia, haverá churrasco na Churrascaria do Lago.

A reunião do PDS de Paulo Maluf, porém, não poderá contar com uma presença importante: a do líder do Governo na Câmara, deputado Nelson Marchezan, que preferiu a neutralidade suíça a conviver com malufistas que certamente lhe fariam pressões e cobranças, exigindo-lhe o apoio ao candidato oficial. Marchezan trabalhou até o final do dia pelo êxito do acordo sobre a questão salarial, discutindo várias vezes com o líderes oposicionistas. A noite, cansado da guerra parlamentar, iniciou viagem a Genebra, integrando comitiva parlamentar onde constam nomes malufistas, incapazes no entanto de balançar o sólido muro em que subiu o líder gaúcho.

E, enquanto o PDS tenta sua reconstrução em torno de Paulo Maluf, a outra parte do antigo partido do Governo faz força para deflagrar o movimento para a criação de um novo partido, o Liberal Progressista. Eles estão se preparando para a reforma partidária prometida por Tancredo Neves, a quem apóiam. Há quem queira lançar já o manifesto, há quem prefira esperar mais um pouco. Os que temem o advento de pressões governamentais e do PDS capazes de fazer os frentistas mudar de opinião, querem acelerar a criação do partido. Os que nada temem, preferem esperar. Imobilizado num hospital de Brasília, o vice-presidente Aureliano Chaves ainda não se manifestou sobre o assunto. Líder importante da Frente, o senador Marco Maciel prefere esperar o desdobramento do jogo sucessório para depois decidir-se.

Luiz Recena Grassi